

Flora da Bahia: *Bouchea* (Verbenaceae)

Pedro Henrique Cardoso^{1*} & Gabriel Barros da Silva²

¹ Escola Nacional de Botânica Tropical, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Programa de Pós-graduação em Botânica, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil.

Resumo – Apresentamos o tratamento taxonômico de *Bouchea* para o estado da Bahia, Brasil. Na área de estudo, o gênero está representado exclusivamente por *B. agrestis*, que ocorre preferencialmente em formações vegetais abertas, como caatingas, campos rupestres e afloramentos de calcário. O estudo inclui descrição morfológica detalhada da espécie e do gênero, fotografias de campo, dados de distribuição geográfica e um mapa de ocorrências no estado. Adicionalmente, apresentamos notas taxonômicas referentes a *B. inopinata*. Esse táxon, considerado sinônimo de *B. agrestis*, não apresenta características diagnósticas de *Bouchea*, podendo se tratar de uma espécie de *Glandularia*, possivelmente sinônimo de *G. peruviana* ou *G. tweedieana*.

Palavras-chave adicionais: Duranteae, *Glandularia*, Lamiales, taxonomia.

Abstract (Flora of Bahia: *Bouchea* (Verbenaceae)) – We present the taxonomic treatment of *Bouchea* for the state of Bahia, Brazil. In the study area, the genus is represented exclusively by *B. agrestis*, which primarily occurs in open vegetation formations, such as *caatingas*, *campos rupestres*, and limestone outcrops. The study includes a detailed description of the genus and species, field photographs, distribution data, and a map of occurrences in the state. Additionally, we provide taxonomic notes concerning *B. inopinata*. This taxon, previously considered synonym of *B. agrestis*, does not exhibit diagnostic characteristics of *Bouchea*, and may be a species of *Glandularia*, possibly a synonym of *G. peruviana* or *G. tweedieana*.

Additional keywords: Duranteae, *Glandularia*, Lamiales, taxonomy.

Verbenaceae é uma família monofilética (Marx et al. 2010) com 34 gêneros e cerca de 800 espécies distribuídas pelos trópicos, aproximadamente 95% delas na Região Neotropical (Cardoso et al. 2021a; O’Leary et al. 2023). Inclui ervas, subarbustos, arbustos, arvoretas, árvores, ou lianas, geralmente aromáticos, com indumento variado, folhas simples ou raramente divididas, frequentemente opostas, brácteas verdes ou de outras cores, cálice geralmente persistente na frutificação, corola 4- ou 5-lobada, bilabiada ou não, e frutos do tipo esquizocarpo, drupa ou drupáceo (Atkins 2004; Salimena et al. 2025).

No Brasil, Verbenaceae está representada por 15 gêneros e cerca de 310 espécies, das quais aproximadamente 65% são endêmicas. A maioria das espécies ocorre em áreas de vegetação campestre, como campo rupestres, campos de altitudes, cerrados e restingas (Salimena et al. 2025). A Bahia abriga 12 gêneros e cerca de 95 espécies; após Minas Gerais, é o estado brasileiro mais rico em Verbenaceae (Salimena et al. 2025). No âmbito do projeto Flora da Bahia (Giulietti et al. 2006), tratamentos taxonômicos para a família já foram realizados para os gêneros *Priva* Adans. (Lima & França 2007) e *Lantana* L. (Silva & Lima 2012). O presente estudo aborda *Bouchea*, que se distingue dos demais gêneros de Verbenaceae na Bahia pelas inflorescências terminais, flores pediceladas com 2 bractéolas, cálice cilíndrico-tubuloso com 5 dentes,

corola com limbo 5-lobado e androceu composto por 4 estames férteis.

***Bouchea* Cham.**

Ervas ou arbustos com indumento variado; ramos cilíndricos ou tetragonais, inermes. **Folhas** geralmente opostas, às vezes ternadas, caducas na maturidade, frequentemente pecioladas, raro sésseis ou subsésseis; lâmina com margens serradas, denteadas ou crenadas. **Inflorescências** racemos terminais, espiciformes; raque delicada; brácteas e bractéolas presentes. **Flores** pediceladas; pedicelos longos ou curtos; cálice cilíndrico-tubuloso, com 5 dentes mais ou menos desiguais, persistente na frutificação; corola zigomorfa, infundibuliforme, geralmente vistosa, roxa, lilás, rósea, azul ou branca, tubo curvado ou reto, limbo 5-lobado, 2 lobos posteriores mais curtos que os 3 inferiores; estames 4, didínamos, inclusos, o par posterior inserido aproximadamente na metade do tubo da corola, o par anterior inserido um pouco acima; ovário unicarpelar, oblongo, estilete filiforme, estigma geralmente oblíquo. **Frutos** esquizocarpos, lineares, parcialmente envoltos pelo cálice persistente, separando-se na maturidade em 2 clusas, face dorsal levemente reticulada (Atkins 2004; Moroni & O’Leary 2019).

Bouchea, incluído na tribo Duranteae (Marx et al. 2010), compreende 13 espécies restritas às Américas (Moroni & O’Leary 2019). No Brasil, estão registradas quatro espécies, ocorrentes nos domínios da Caatinga, Cerrado, Floresta Amazônica, Floresta Atlântica e Pampa, dentre as quais se destaca *B. fluminensis* (Vell.) Moldenke, pela distribuição geográfica mais ampla e

Autor para correspondência: *pedrocardosobio@gmail.com

Editor responsável: Alessandro Rapini

Submetido: 18 maio 2025; aceito: 12 jul. 2025

Publicação eletrônica: 16 jul. 2025; versão final: 16 jul. 2025

maior frequência de coletas (Cardoso et al. 2021b; Moroni & O’Leary 2025). No estado da Bahia, o gênero é representado apenas por *B. agrestis* Schauer.

Moroni & O’Leary (2019) reportaram a ocorrência de *Bouchea fluminensis* para a Bahia com base no espécime *Pinheiro & Santos 2283* (US), com os seguintes dados de procedência: “Bahia: Itabuna, ES, rod. Linhares para Povoação, plantação de cacau”. No entanto, a menção a Itabuna refere-se à localização do herbário CEPEC, que enviou a duplicata ao herbário US; a coleta ocorreu no município de Linhares, Espírito Santo. Dessa forma, não há registros de *B. fluminensis* na Bahia.

Bouchea agrestis Schauer, Prodr. [A. P. de Candolle] 11: 558. 1847.

Figuras 1 e 2; Moroni & O’Leary (2019: fig. 2).

Ervas 25–70 cm alt., densamente ramificadas; ramos tetragonais ou cilíndricos, hirsutos, às vezes canescentes, indumento esparso ou glabrescente na maturidade. **Folhas** inteiras, opostas; pecíolo hirsuto; lâmina 1,2–6 × 0,7–4 cm, cartácea, ovada, elíptica ou obovada, ápice obtuso ou agudo, margens inteiras na base, grosseiramente denteadas em direção ao ápice, conspicuamente ciliadas, base atenuada ou cuneada, decurrente no pecíolo, ambas as faces hirsutas, nervuras primária e secundárias proeminentes na face abaxial. **Racemos** 2,5–25 × 0,4–0,6 cm, alongando-se durante a frutificação; raque densamente hirsuta, às vezes canescente; brácteas 0,5–0,8 × 0,02 cm, lineares, verdes, hirsutas; bractéolas ca. 0,15 × 0,01 cm, lineares, verdes. **Flores** esparsas ao longo da raque; pedicelo 0,1–0,2 cm compr.; cálice 0,7–1,2 × 0,1–0,15 cm, verde, dentes conspicuos 0,15–0,2 cm compr., densamente hirsuto externamente; corola lilás, rósea, ou roxo-azulada, fauce alva ou amarela, guias de néctar nos lobos, glabra externamente, tubo ligeiramente curvo, 1–1,5 cm compr., lobos arredondados. **Clusas** 0,6–0,8 cm compr., ápice rostrado.

Bouchea agrestis é endêmica do Brasil, encontrada nos estados de Minas Gerais, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí e Rio Grande do Norte, nos domínios da Caatinga e Cerrado (Moroni & O’Leary 2019, 2025). Apresenta ampla distribuição na Bahia (**B4, B7, C7, C8, D2, D5, D6, D7, E5, E6, E7, E8, F4, F6 e G7**): em campos rupestres com solo arenoso, afloramentos de calcário, carrascos, várzeas, savanas estépica, caatingas arbustivas e áreas antropizadas, como beira de estradas em solo argiloso. Encontrada com flores e frutos de dezembro a maio.

Material selecionado – **Abaíra**, estrada velha de Abaíra a S. José, 31 jan. 1992, *R.M. Harley et al. 51402* (HUEFS, NY, SPF); **Barra do Mendes**, São Bento, 11°48’44”S, 42°05’24”W, 29 jan. 2008, *J.L. Ferreira et al. 243* (HUEFS); **Barro Alto**, comunidade de Lagoa Funda, 11°45’11”S, 41°50’08”W, 11 abr. 2001, *T.S. Nunes et al. 286* (HUEFS); **Bela Vista**, estrada Mimosa–Sento Sé, 10°39’S, 39°44’W, 3 mar. 2004, *M.V. Moraes 666* (HUEFS); **Bom Jesus da Lapa**, bacia do Alto Rio São Francisco, 13°15’S, 43°26’W, 15 abr. 1980, *R.M. Harley 21363* (CEPEC, K, NY). **Boquira**, rodovia de

Oliveira dos Brejinhos a Macaúbas, rod. BR-122, Km 54, próximo do trevo para Santa Rita, 20 abr. 1996, *G. Hatschbach et al. 65068* (MBM); **Campo Formoso**, próximo de Lagoa Branca, 10°17’07”S, 40°45’12”W, 24 fev. 2000, *A.M. Giulietti & R.M. Harley 1818* (HUEFS); **Canarana**, 11°41’05”S, 41°46’08”W, 28 fev. 2024, *M.L. Guedes & R.R. Figueirêdo 34315* (ALCB); **Castro Alves**, estrada de Iaçú para Lagedo Alto, 12°45’21”S, 40°11’05”W, 9 mar. 2008, *S.F. Conceição et al. 638* (HUEFS); **Formosa do Rio Preto**, estrada para Rochedo, BR-135, 11°08’33”S, 45°08’48”W, 3 mar. 2015, *R.C. Forzza et al. 8422* (CESJ, UPCB); **Iaçú**, Pasto, 12°47’39”S, 39°54’43”W, 13 abr. 1997, *E. Melo et al. 2165* (CESJ, HUEFS, IPA); **Ipupiara**, 2 km de Ipupiara para Mussambê, 11°49’S, 42°36’W, 26 jan. 2001, *E. Saar et al. 43* (ALCB, HUEFS); **Jacobina**, 1843, *S. Blanchet 3731* (HUEFS, K); **João Dourado**, Piemonte da Diamantina, 11°19’51”S, 41°44’14”W, 10 abr. 2013, *M.L. Guedes et al. 20668* (ALCB); **Juazeiro**, 29 km S de Juazeiro, rod. BR-407, 09°48’S, 40°20’W, 11 abr. 1983, *A. Krapovickas et al. 38792* (MBM); **Jussiape**, estrada para Marcolino, 11°30’S, 41°38’W, 18 mar. 2008, *S.F. Conceição 652* (HUEFS); **Lagoa Azul**, 16 jan. 1997, *G. Hatschbach et al. 65819* (HUEFS, INPA, NY); **Lagoa Real**, 14°09’51”S, 42°12’39”W, 6 mar. 1994, *V.C. Souza et al. 5313* (ESA, K, SPF); **Manoel Vitorino**, 14°08’27”S, 40°14’15”W, 21. Mar. 2009, *E. Melo et al. 6115* (HUEFS); **Marcolino Moura**, entre Marcolino Moura e Jussiape, 28 mar. 1994, *S. Atkins et al. CFCR14647* (ESA, HUEFS, K, SPF); **Morro do Chapéu**, fazenda São João Brejões, 14°15’15”S, 41°05’46”W, 14 mar. 2007, *E. Melo et al. 4737* (HUEFS); **Palmeira**, ca. 2,2 km da entrada para Palmeiras a partir da BR-242, 12°27’50”S, 41°35’02”W, 29 mar. 2005, *J. Paula-Souza 5039* (CESJ, HUEFS); **Rio de Contas**, caminho para Lagoa Nova, 13°47’42”S, 41°46’44”W, 5 mar. 1997, *B. Stannard et al. PCD5142* (CESJ, HUEFS, SPF); **São Gabriel**, Lajedo, 10°57’45”S, 41°38’18”W, 24 fev. 2016, *G. Gosta & A.C.S. Moraes 1704* (HURB); **Senhor do Bonfim**, 25 maio 1974, *A.D. Andrade-Lima 74-7595* (SPF); **Xique-Xique**, Nova Iguaçu, 14 mar. 1998, *G. Hatschbach et al. 67746* (K, MBM).

Bouchea agrestis é reconhecida pelo indumento hirsuto, com tricomas conspicuos de até 2 mm compr., folhas pecioladas, margens inteiras na base, grosseiramente denteadas em direção ao ápice, cálice 0,7–1,2 cm compr. e tubo da corola 1–1,5 cm compr. No estado da Bahia, a espécie pode ser confundida com representantes do gênero *Stachytarpheta* Vahl, que também pertencem à tribo Duranteae (Marx et al. 2010), compartilhando inflorescências terminais, espiciformes, cálice conspicuo, cilíndrico-tubuloso, corola 5-lobada e frutos formados por duas clusas. No entanto, em *Stachytarpheta*, as flores são frequentemente sésseis, raro pediceladas, as bractéolas estão ausentes e o androceu é composto por dois estames férteis e dois estaminódios (Atkins 2004; Cardoso et al. 2022). Em contraste, as espécies de *Bouchea* apresentam flores pediceladas, 2 bractéolas por flor e o androceu é composto por 4 estames férteis.

Nota adicional sobre *Bouchea inopinata* Moldenke. Moldenke (1934) descreveu *Bouchea inopinata* com base em um espécime coletado no Brasil por G. Schüch (s.n.), cujo holótipo está depositado no herbário W (barcode W0068502) e o isótipo, constituído por um fragmento com poucas flores, encontra-se no herbário NY (barcode NY0103927). A espécie foi caracterizada



Figura 1. *Bouchea agrestis*: **A, B**- ramos com folhas e inflorescências, mostrando o indumento; **C**- inflorescência, mostrando brácteas, cálices e corola (Fotos: A, B- Mathias Erich Engels; C- Pablo Hendrigo Alves de Melo).

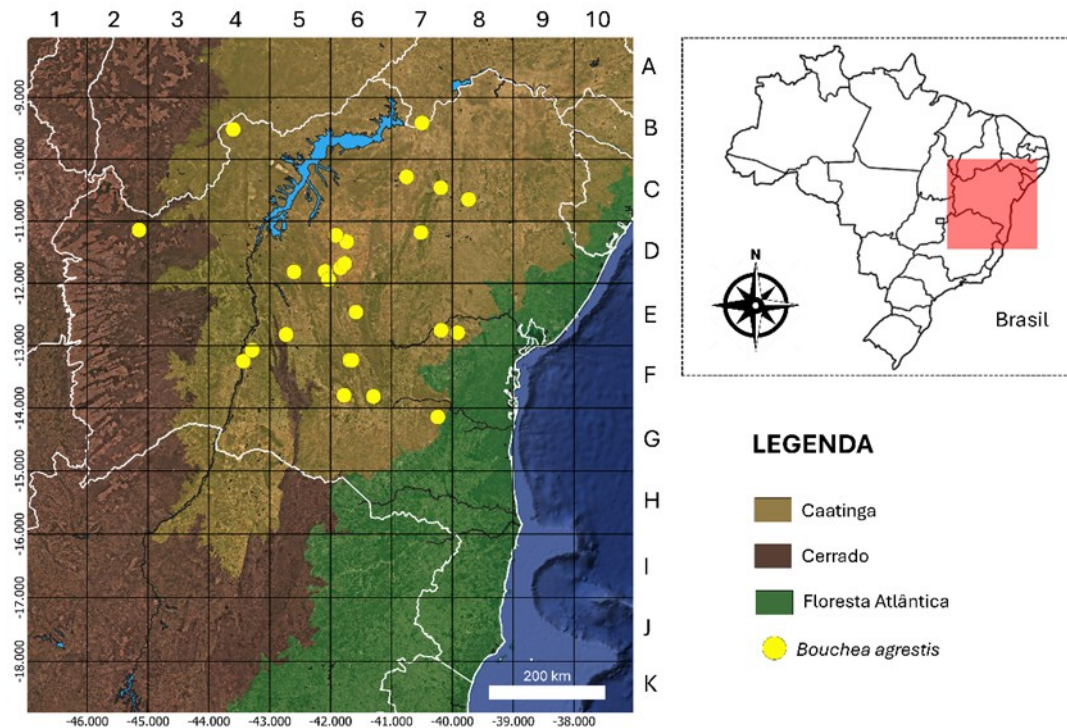


Figura 2. Mapa de distribuição de *Bouchea agrestis* no estado da Bahia.

pelos ramos densamente adpresso-pubescentes, brevemente hirsutos nas partes jovens, com tricomas esbranquiçados de até 1 mm compr., folhas com pecíolo estrigoso-pubescente, lâmina 1–1,6 × 0,4–1,1 cm, lanceolada ou ovado-lanceolada, margens serrada com dentes pequenos e agudos, face adaxial densamente estrigosa, face abaxial densamente pubescente com nervuras fortemente proeminentes, espigas com 3,5–5,5 × 0,9–1,5 cm, brácteas 0,35–0,55 cm compr., cálice densamente pubescente externamente, corola hipocrateriforme, com tubo pubérulo na parte superior, lobos emarginados no ápice, ovário ca. 0.13 cm compr. e estilete ca. 1,2 cm compr. O epíteto *inopinata* utilizado por Moldenke (1934) para o táxon possivelmente indica características morfológicas incomuns no gênero, refletindo a surpresa do autor. No protólogo, é incluída uma nota taxonômica apontando que *B. inopinata* é intimamente relacionada a *B. agrestis* (Moldenke 1934). Tanto a etiqueta do espécime quanto o protólogo não incluem informações detalhadas sobre a procedência geográfica.

Na revisão taxonômica do gênero *Bouchea*, Moroni & O’Leary (2019) reconheceram *B. inopinata* como sinônimo de *B. agrestis*. No entanto, as inflorescências mais largas (0,9–1,5 cm vs. 0,4–0,6 cm em *B. agrestis*), com flores sésseis, sem bractéolas e com corola hipocrateriforme de lobos emarginados no ápice em *B. inopinata* indicam que este táxon não pertence a *Bouchea* (Atkins 2004; Moroni & O’Leary 2019). Essas características, por outro lado, sugerem sua inclusão em *Glandularia* J.F.Gmel., o que é corroborado pela presença de um estilete longo (ca. 1,2 cm compr.), mais que três vezes o comprimento do ovário (Atkins 2004;

Salimena et al. 2025). É importante destacar que Moldenke (1934) descreveu as inflorescências de *B. inopinata* como axilares ou terminais (“*spicis abbreviatis axillaribus terminalibusque*”); contudo, tanto *Bouchea* quanto *Glandularia* possuem inflorescências exclusivamente terminais (O’Leary & Thode 2016; Moroni & O’Leary 2019). Ele provavelmente interpretou as espigas terminais originadas em ramos laterais muito curtos em *B. inopinata* como inflorescências axilares.

Em *Glandularia*, *Bouchea inopinata* assemelha-se a *G. peruviana* (L.) Small e *G. tweedieana* (Niven ex Hook.) P.Peralta. Ambas compartilham características, como folhas inteiras, pecíolos de até 1 cm compr., faces adaxial e abaxial densamente pilosas, inflorescências multifloras que se alongam durante a frutificação, cálice com tricomas glandulares e corola com mais que 1 cm compr. Segundo O’Leary & Thode (2016), a principal diferença visível entre essas duas espécies está na coloração da corola: vermelha brilhante em *G. peruviana* e lilás, rósea ou raramente branca em *G. tweedieana*. No entanto, não existem informações sobre a cor da corola de *B. inopinata*, o que dificulta sua correspondência com uma dessas espécies. Ainda assim, algumas características descritas no protólogo e observadas no espécime-tipo, como a corola e estilete com cerca de 1,2 cm compr. e o tubo da corola pubérulo na porção superior (Moldenke 1934), aproximam *B. inopinata* de *G. peruviana*, visto que *G. tweedieana* apresenta tubo da corola e estilete mais longos (1,4–1,9 cm compr.), sendo o tubo corolino externamente viloso (O’Leary & Thode 2016). No entanto, os limites entre *G. peruviana*

e *G. tweedieana* são frágeis (O’Leary & Thode 2016), exigindo estudos com amostragem mais ampla e abordagem integrativa para esclarecer a delimitação entre as duas espécies e seus respectivos sinônimos heterotípicos. Diante disso, sugerimos que *B. inopinata* represente uma espécie de *Glandularia*, mesmo que sua identificação no gênero ainda não possa ser estabelecida com segurança.

No Brasil, tanto *Glandularia peruviana* quanto *G. tweedieana* ocorrem na Região Sul (O’Leary & Thode 2016; O’Leary et al. 2025). Embora o espécime-tipo de *Bouchea inopinata* não apresente informações detalhadas sobre a localidade de coleta, data ou número do coletor, sabe-se que Guilherme Schüch de Capanema (Barão de Capanema) atuou intensamente no sul do país (Museu Histórico Nacional 2020), o que é corroborado pelo registro de um exemplar de *Phyla nodiflora* (L.) Greene (Verbenaceae) coletado por ele no Rio Grande do Sul: *Capanema s.n.* (NY; barcode NY00645250). Considerando que *B. inopinata* não representa um sinônimo de *B. agrestis*, nativa do Nordeste, mas possivelmente uma espécie de *Glandularia*, é provável que o espécime tenha sido coletado na Região Sul.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Mathias Erich Engels e Pablo Hendrigo Alves de Melo pelas fotografias de *Bouchea agrestis* e aos revisores anônimos pelas valiosas contribuições que aprimoraram significativamente nosso trabalho. PHC agradece à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo apoio financeiro (processos nº 200.029/2025 e 200.030/2025).

REFERÊNCIAS

- Atkins, S. 2004. Verbenaceae. In: J.W. Kadereit (ed.), *The Families and Genera of Vascular Plants: Lamiales (except Acanthaceae including Avicenniaceae)*, vol. 7. Springer-Verlag, Berlin, p. 449–468.
- Cardoso, P.H.; O’Leary, N.; Olmstead, R.G.; Moroni, P. & Thode, V.A. 2021a. An update of the Verbenaceae genera and species numbers. *Plant Ecology and Evolution* 154: 80–86.
- Cardoso, P.H.; Valério, V.I.D.R.; Menini Neto, L. & Salimena, F.R.G. 2021b. Verbenaceae in Espírito Santo, Brazil: richness,

- patterns of geographic distribution and conservation. *Phytotaxa* 484(1): 1–43.
- Cardoso, P.H.; Menini Neto, L.; Somavilla, N.S.; & Trovó, M. 2022. A morphometric approach and recircumscription of the *Stachytarpheta longispicata* complex (Verbenaceae). *European Journal of Taxonomy* 833: 12–45.
- Giulietti, A.M.; Queiroz, L.P.; Silva, T.R.S.; França, F.; Guedes, M.L. & Amorim, A.M. 2006. Flora da Bahia. *Sitientibus série Ciências Biológicas* 6(3), 169–173.
- Lima, A.B. & França, F. 2007. Flora da Bahia: *Priva* Adans.– Verbenaceae. *Sitientibus série Ciências Biológicas* 7(1): 32–35.
- Marx, H.E.; O’Leary, N.; Yuan, Y.W.; Lu-Irving, P.; Tank, D.C.; Múlgura, M.E. & Olmstead, R.G. 2010. A molecular phylogeny and classification of Verbenaceae. *American Journal of Botany* 97: 1647–1663.
- Moldenke, H.N. 1934. Some new and neglected species and varieties of the Verbenaceae. *Repertorium Specierum Novarum Regni Vegetabilis* 37: 14–20.
- Moroni P. & O’Leary N. 2019. Insights into the systematics of tribe Duranteae (Verbenaceae): a taxonomic revision of the New World genus *Bouchea*. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 104(3): 355–399.
- Moroni P. & O’Leary N. 2025. *Bouchea*. In *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB15132>>. Acesso em: 1 maio 2025.
- Museu Histórico Nacional 2020. *Coleção Guilherme Schüch de Capanema (GS)*. Disponível em: <<https://atom-mhn.museus.gov.br/downloads/guilherme-schuch-de-capanema-2.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2025
- O’Leary N. & Thode V. 2016. The genus *Glandularia* (Verbenaceae) in Brazil. *Annals of the Missouri Botanical Garden* 101(4): 699–749.
- O’Leary, N.; Moroni, P.; Lu-Irving, P.; Mirra, F. & Olmstead, R.G. 2023. *Salimena* and *Troncosoa* (Verbenaceae, Lantaneae), two new monotypic genera from southern South America. *Novon* 31(1): 95–107.
- O’Leary, N.; Thode, V.A. & Boldorini, A. 2025. *Glandularia*. In *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB15140>>. Acesso em: 1 maio 2025.
- Salimena, F.R.G.; O’Leary, N.; Cardoso, P.H.; Schaefer, J.; Silva, T.R.D.S.; Moroni, P.; Silva, G.B.; Thode, V.A. & Boldorini, A. 2025. Verbenaceae. In *Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB246>>. Acesso em: 1 maio 2025.
- Silva, T.R.S. & Lima, C.T. 2012. Flora da Bahia: Verbenaceae: *Lantana*. *Sitientibus série Ciências Biológicas* 12(2): 245–268.

LISTA DE EXSICATAS

- Andrade-Lima, A.D. 74-7595; Atkins, S. s.n. CFCR 14647; Blanchet, S. 3731; Conceição, S.F. 638, 652; Costa, G. 1704; Ferreira, J.L. 243; Forzza, R.C. 8422; Giulietti, A.M. 1818; Guedes, M.L. 20668A, 34315; Harley, R.M. 21363, 51402, 51995; Hatschbach, G. 65068, 65819, 67746; Krapovickas, A. 38792; Melo, E. 2165, 4737, 6115, 7556; Moraes, M.V. 666; Nunes, T.S. 286; Paula-Souza, J. 5039; Queiroz, L.P. 5729; Saar, E. 43; Souza, V.C. 5313; Stannard, B. s.n. PCD5142.